

MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA: GENEALOGIA PESSOAL ACERCA DE UM PROJETO DE CINEMA EXPERIMENTAL NA AMAZÔNIA PARAENSE

KILLED THE CINEMA AND GOT THE FAMILY: PERSONAL GENEALOGY ABOUT AN EXPERIMENTAL CINEMA PROJECT IN THE AMAZON OF PARÁ

**Mateus Nogueira de Farias Moura
PPGARTES-UFPA**

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre o nascedouro, em 2012, do MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA, projeto audiovisual de realismo experimental, criado e gerido pelo autor do artigo, o realizador e pesquisador Mateus Moura. O artigo tem o intuito de contribuir com o pensamento sobre o cinema experimental na Amazônia paraense no início do século XXI a partir de um texto memorial reflexivo acerca de três obras autorais: *Jamcine*, *Rmxtxtura's* e *O meu é especial*. Refletindo sobre o cinema-ensaio, o cinema-performance, o remix e a experimentação com mídias digitais, o autor, uma década depois, reflete sobre as escolhas tomadas em sua iniciação artística, o contexto social no qual surgiram as obras e a poética brotada desta relação entre arte, tecnologia e vida.

Palavras-chave:

MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA;
cinema experimental; Amazônia paraense.

INTRODUÇÃO

Neste artigo reflito, pela primeira vez, depois de onze anos de experimentação, sobre o projeto audiovisual MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA, que soma hoje, em 2023, a participação em setenta e uma realizações cinematográficas, entre curtas e médias metragens, sendo sessenta e nove delas assinadas por mim como

Abstract

This article is a reflection on the birth, in 2012, of MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA, an audiovisual project of experimental realism, created and managed by the author of the article, the director and researcher Mateus Moura. The article aims to contribute to the thinking about experimental cinema in the Amazon of Pará at the beginning of the 21st century based on a reflective memorial text about three authorial works: "Jamcine", "Rmxtxtura's" and "O meu é especial". Reflecting on rehearsal cinema, performance cinema, remix and experimentation with digital media, the author, a decade later, reflects on the choices made in his artistic initiation, the social context in which the works emerged and the poetics that emerged of this relationship between art, technology and life.

Keywords:

*MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA;
experimental cinema; Amazon Pará.*

diretor ou propositor, duas como codiretor, e todas como produtor ou coprodutor.

Além da participação em diversas mostras e salões, nacionais e internacionais, o projeto foi reconhecido em 2015, pelo conjunto da obra, pelo Prêmio Seiva - Expressões Artísticas, na categoria Realizadores Experientes. Todo o patrimônio material do projeto encontra-se disponível no

canal matou o cinema no YouTube.¹ O canal foi criado por mim mesmo, conta hoje com 126 inscritos e totaliza 11.126 visualizações.

Esta reflexão se deterá sobre o seu embrião, seu início, a partir da descrição (verbal e visual) e a reflexão teórica de três incursões no cinema experimental: a série *jamcine*, a série *rmxtxtura* e o filme *O meu é especial*.

UM CANAL QUE SE ABRE

“Passo a me conhecer através do que eu faço, pois na realidade eu não sei o que eu sou”.

(Hélio Oiticica)

No dia 07 de abril de 2012, há mais de uma década atrás, eu abria um canal no Youtube chamado MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA, que se apresentava assim:

MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA é uma série e um canal no Youtube, que experimenta o cinema no gênero do realismo experimental. Suas qualidades não provêm do “set” de suas ferramentas, trata o Full HD como a câmera de celular: testa seus limites. Tem fins criativo-destrutivos (enfrentativos), baseadas na metodologia da “sevirosafia” (sabedoria do “se vira”). Tem como intuito político discursivo insistir no ponto de que todos podem se expressar audiovisualmente, de que o cinema é antes uma linguagem que a tal da Arte (esta santa d’altar que alguns falam, e que poucos podem tocar). Registro da liberdade em ação, o desafio está entre o humano, a máquina e o mundo (ou a família, o cinema e a morte). Abriga filmes de um olho com uma câmera e filmes de direção coletiva. Filmes de todas as metragens. Como diria Glauber Rocha, “o cinema são todos os caminhos”.

No não tão longínquo 2012, os *smartphones* ainda não haviam se popularizado em Belém do Pará, e a revolução tecnológica, expressa nas entrelinhas dessa descrição, era a das câmeras portáteis. Nessa época ainda filmava com a minha Sony Mini-dv DCR-HC52. Gravava nas fitinhas mini-dv e transferia as imagens para o computador por uma placa de captura. Durante esse período eu integrava ativamente o nascente *QUALQUER QUOLETIVO*, coletivo de artistas multimidiáticos que experimentavam com performance, intervenção urbana, entre outras linguagens, inclusive a “qualquer quoisia”,² Ícaro Gaya, um dos integrantes e fundadores *QUALQUER QUOLETIVO* ganhou, em 2010, o Edital Microprojetos Mais Cultura - Amazônia Legal (Funarte) para desenvolver o Projeto *Estimação*,

de performance e intervenção urbana, inspirado pelo universo lúdico e poético dos Saltimbancos de Chico Buarque.

Num contexto de juventude sem perspectiva nenhuma de recursos para fazer cinema aos moldes do cinema comercial, e já influenciado por *Câncer*, de Glauber Rocha, *Sem essa, aranha*, de Rogério Sganzerla, *Hitler do 3º Mundo*, de José Agrippino de Paula, Vicente Cecim, Hélio Oiticica e, principalmente, por meus colegas de “quoletivo”, propus, como parte da experimentação do Projeto Estimação, experimentarmos o que nomeei *jamcine*.

JAMCINE

Jamcine: duelo estético a partir do confronto trinário câmera-atuante-cidade, olho-corpo-pedra, máquina-espírito-matéria. Instrumentos em riste, tendo como limite a liberdade da improvisação a partir do tema, e como elo a eloquência no jogo caótico, na realidade do presente alucinou-se a busca de uma unidade-obra, antes diluída em vida. Um feixe de luz sem corte - um plano-sequência - se eternizou, sete vezes, em sete espaços, tipicamente belenenses”. Assim defini na época o *jamcine* na descrição dos vídeos postados no Youtube.

Como já experimentava no meu corpo (e, pelo olho) o estado de performance, happening, intervenção urbana nessa época, eu me incomodava muito com a representação audiovisual do que eu assistia sobre esse fenômeno estético. Lembro de vídeos que assisti da Marina Abramovic que pareciam editados pela MTV,³ numa estética de videoclipe que me apresentava mais a performance como uma informação do fato histórico, um “teaser do evento”.

Passei a me interessar em experimentar audiovisualmente esse “estado de performance” que tanto me fascinava. Não apenas uma performance para a filmagem, mas a própria obra audiovisual ser o resultado desse encontro em estado de performance entre o atuante e o cinegrafista. Preferi utilizar o termo “cinegrafia” ao invés de “cinematografia”, distinguindo as duas com metáforas musicais: como se a cinegrafia fosse mais relacionada a algo como uma música de improviso e a cinematografia à uma música de

QUALQUER QUOLETIVO apresenta

JAMCINE
uma idéia na mão
uma camera na cabeça

17 à 22 de Maio
às 18:30h
no Cinema Olympia

17/5 (Terça) & 20/5 (Sexta):
JAMCINE #1: uma crônica de horror
FANTÔME-BELLE ÉPOQUE
JAMCINE#2: um diário íntimo
O SONHADOR FODIDO NO PARQUE DE ILLUSÕES
JAMCINE#3: um ato cênico
QUEDA, ASCENÇÃO E QUEDA DE UMA SUPERSTAR

18/5 (Quarta) & 21/5 (Sábado):
JAMCINE#4: um tratado de magia
ENTREI
JAMCINE#5: um passeio macabro
PROJEÇÃO DE IDEIAS NO RIO DE TREVAS

19/5 (Quinta) & 22/5 (Domingo):
JAMCINE#6: um surto psicótico
VER O PESO
apresentação do ARTIGO (em quão) CIENTIFICO
JAMCINE#7: uma busca alucinante
FESTA NA BOCA

Figura 1 – Cartaz Jamcine no Cine Olympia.
Fonte: Lucas Gouvea.

partitura. A primeira, mais ligada ao jogo com o imediato, a segunda, à elaboração meditada.

Essa relação entre cinema, performance e música está estética e intimamente ligada nessa experimentação, não à toa o nome *jamcine*, neologismo criado a partir do termo *jamsession*, que se refere às sessões onde musicistas, normalmente ligados ao jazz, se encontravam para improvisar, às vezes a partir de um tema, e às vezes nem isso. Não se preparar para o encontro era a tônica, que buscava a espontaneidade, o acaso, o não-premeditado. Naquele momento eu estava muito interessado com o que eu poderia improvisar com a câmera como instrumento, e, além disso, com as paisagens (fluídas) da cidade.

Outra questão era a duração. O espírito de uma performance em intervenção urbana pulsa no tempo do caos, dos elementos que participam desse “estado de invenção”⁴ é que vão se tecendo “dramaturgias do acaso”⁵. O *modus operandi* era: sugerir ao atuante⁶ um tema, fazer chuvas

de ideias sobre esse tema, escolher um lugar da cidade, marcar uma hora e improvisar, se jogando no abismo da performance na rua. O tempo do *happening* não sabíamos qual seria, ou até a fita terminar. Era realmente a busca de uma mítica reinauguração do cinema na Amazônia, descobrindo o plano, como uma criança descobre a rua.⁷

RMXTXTURA

Logo depois do *jamcine*, que foi essa experimentação do plano até às últimas consequências, da não-edição, do bruto, surgiu o desejo de se aventurar no caminho extremo oposto: uma experimentação cinematográfica sem câmera, sem filmagem, apenas edição, apenas montagem, ou melhor, “remontagem” (Huberman, 2016).

O *rmxtxtura* nasceu a partir do convite de Giseli Vasconcelos para participar da *Cartografia crítica da Amazônia*, uma publicação que ela estava organizando e que convidou o *QUALQUER*



Figura 2 – Capa no Vimeo Rmxtxtura's⁹

Fonte: Lucas Gouvea

qUOLETIVO para somar na pesquisa e na produção. Eu, como o mais envolvido com cinema do grupo, fui instigado a pesquisar/pensar/experimentar os “capítulos de vídeo” da publicação que, além de impressa, seria online.

Num dos capítulos da minha dissertação de mestrado,⁸ me coloquei mais uma vez em estado de performance, dessa vez para o ato da escrita, e redigi, sem muito filtro, uma primeira autocrítica a partir de excertos dos *rmxtxtura's*. Como introdução à performance escrevi algumas reflexões sobre a série:

Em busca de uma outra cartografia, que não seja apenas uma catalogação neutra e eficiente, ou uma celebração histórica ingênua, ou uma análise científica distanciada e em busca de univocidades, os *RMXTXTURA'S* se propõem ao jogo de reembaralhar as imagens audiovisuais que nasceram a partir da busca dessa miragem-Amazônia, não para dar respostas, mas, como em um jogo divinatório, aproximar-se mais das causas essenciais, sair do tempo cronológico para um outro tempo. Dissociando as imagens do seu lugar habitual, justapondo-as em conflitos anacrônicos, sobrepondo sons e palavras, o acervo – por si e pela mão de um montador – começa então a se reler: símbolos do inconsciente coletivo surgem como alucinações; estigmas e estereótipos começam a sangrar como inflamadas tatuagens; posturas ideológicas e sistemas de opressão vão se revelando nas vozes dos narradores; sublevações explodem em gestos.[...] Um grupo de pesquisadores e pesquisadoras, artistas e ativistas, reuniu-se para trocar informações e pensar o território a partir do processo de construção dessa cartografia. Durante o processo, assumi a direção geral da cartografia audiovisual, que intitulei “cincartografia crítica”. Assisti a mais de 200 filmes, de diversos formatos de produção e discurso e, a partir de seu retalhamento, foram montados 5 vídeos, que intitulamos de *RMXTXTURA'S*: 'remix' enquanto ressignificação do que já existe, 'texto' em seu sentido máximo, sendo sinônimo de escritura (verbal, visual, sonora, etc.) e 'urdidura', referindo-se à ação ou efeito de urdir, ao conjunto de fios no tear por entre os quais se faz a trama, e também aos seus sinônimos: tramoia, intriga, maquinação (Moura, 2018, p. 82).

O MEU É ESPECIAL

Jamcine e *Rmxtxtura* – que foram experiências totalmente coletivas, ambas com o *QUALQUER qUOLETIVO* – não foram, a princípio, parte do projeto *MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA*. São, mais factualmente falando, como pré-histórias desse “guarda-chuva conceitual”.

O *MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA* nasce como uma proposição minha ao *QUALQUER qUOLETIVO*, mas, no decorrer dos anos, com o nosso natural afastamento, fui tocando o projeto em outros caminhos. Em minha trajetória, hoje, considero *jamcine* e *rmxtxtura* parte desse projeto estético chamado *MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA*, pelo fato dessas duas experiências já conterem em si vários princípios do mesmo: a “tecnologia do possível” e a “estética da gambiarra” (Weyl, 2022; Barros, 2023), a desaturatização do cinema como arte da elite, o interesse pela sacralidade profana do cotidiano, pela iconoclastia, pelo documento e pela fabulação, pela “desinvenção da Amazônia” (Moura, 2018), pelo lixo, pela memória, pelo cinema enquanto ensaio da vida. *O meu é especial* (2012) foi a primeira obra audiovisual que se apresentou com o letreiro (figura 3).



Figura 3 – Cartela *MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA*.

Fonte: Mael Anhangá.

Revedo hoje o filme, considero um cartão de visitas dos meus interesses com o projeto. A primeira sequência disruptiva de imagens ser... (figura 4).

Seguida de um plano de quase nove minutos, documentando uma cena banal (e brutal) do cotidiano, ressignificada pelo áudio de um sermão radiofônico (Figura 5), já tem todo o desejo de experimentar esse encontro entre o documento e a fabulação; esse retorno aos primórdios da experimentação/reflexão cinematográfica (o plano, o efeito kuleshov, a montagem dialética); a sacralização do profano cotidiano; a iconoclastia anárquica; o cinema como ato performático; a narrativa como enigma (Eisenstein, 2002; Aumont, 2006; Xavier, 2001).

Depois do letreiro inicial, surge um outro letreiro intitulado *Parábola #1 - O meu é especial*. Durante boa parte do projeto experimentei vídeos que se intitulam assim: a partir de subgêneros. "Parábola", "sessão cinegráfrica", "navegações", "crônicas", "grimório", "imnspressões", "perifeérias", "auto", "jornalixmo", "diário", "reminiscências", "hai-kai", etc.

A pesquisa toda que fazia era: que lugar o cinema pode encontrar sem todo esse aparato da grande narrativa? Questão que outros renomados documentaristas da História do Cinema já tinham colocado. Não à toa, dedico este primeiro filme aos Irmãos Lumière, ao Jonas Mekas e ao Vicente Franz Cecim, três momentos díspares da



Figura 4 – Conjunto de frames de "O meu é especial"
Fonte: acervo do autor



Figura 5 – Frame de *O meu é especial*.
Fonte: acervo do autor.

História dessa arte onde o encanto pela relação com a máquina forjou memórias de tempos. Na aventura cinematográfica das obras paridas pelo MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA - como nessas experiências supracitadas - a ficção ia organicamente surgindo a partir do embate fabuloso com a realidade enigmática.

O meu é especial,¹⁰ apesar de ser o primeiro, talvez seja o que vá mais longe nessa busca, indo de encontro à morte, ao sacrifício, ao escancaramento da miséria do nosso poder enquanto humanos. O filme foi todo realizado a partir de uma relação performática com o cotidiano. Estava em Vigia/PA e fui à feira comprar um frango abatido na hora, e filmei. Depois fui à beira do rio oferecer o frango aos urubus, e filmei.

Em outra viagem, ao município marajoara de Salvaterra, estava apenas com o gravador de áudio. Estava hospedado na casa de uma pessoa religiosa e ela ouvia a rádio católica. Eu estava sozinho na casa. De repente um vento bateu na bíblia que estava na sala e ela se abriu no Evangelho de Mateus. Intuí aquele acontecimento como um sinal, peguei meu gravador e comecei a gravar.

Depois juntei este áudio com toda a primeira parte do filme, sem fazer qualquer edição interna. Imagem e áudio simplesmente confluíram em tensões dialéticas, que me deixaram completamente desnorreado (ou norreado?). Na segunda parte - o banquete - acrescentei um trecho da "Paixão segundo São Mateus" de Johann Sebastian Bach, num final tão catártico quanto trágico, e totalmente cotidiano. Em certa altura do estripamento do frango, a voz da locutora que está pregando a palavra, como uma espécie de alterego do narrador, diz:

Eu gostaria muito de poder tá sentada agora com você, não nessa distância onde o milagre da comunicação acontece, mas olhando o seu rosto. Eu gostaria muito de ouvir o que você entendeu desse evangelho, eu gostaria muito que você enriquecesse a nós com o teu entendimento.

Demorei 11 anos para escrever algo reflexivo sobre essa experiência artística. Certamente não me interessa "explicar a obra". Inclusive, para nada que produzi no MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA, escrevi uma palavra de roteiro. Interessava-me o contato direto com a linguagem cinematográfica, a narrativa que pulsasse dessa aventura de filmar e montar.

"O CINEMA SÃO TODOS OS CAMINHOS"

Muito influenciado por essa máxima do cinema moderno, expressa por Glauber Rocha, acredito que, nessa *iniciação artística*, o meu ímpeto por experimentar os mais diversos tipos de cinema afluía, e, como vivíamos a "primavera digital", mesmo com pouquíssimos recursos, dentro das chaves da "tecnologia do possível" e da "estética da gambiarra", forjei estas obras; as duas primeiras, muito coletivas, a última, quase solitário. Todas essas experimentações, hoje, dentro da minha trajetória, reconheço como parte de uma pesquisa de "realismo experimental" no cinema que intitulei MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA.

MATOU O CINEMA E FOI A FAMILIA

Mas qual o motivo desse nome, EM CAIXA ALTA?

O título é um jogo metalinguístico com o "Matou a família e foi ao cinema" (1969), de Júlio Bressane. Não para se contrapor, antagonicamente, mas para dar continuidade ao legado de *cinema experimental marginal* que o autor tão bem representou em suas décadas de aventura sendo um cineasta fora da curva, dentro da câmera, em nosso país (Ferreira, 1986). A inversão também se dá para simbolicamente apontar um novo momento da tecnologia audiovisual na sua relação com as massas, que, de representada, passa a ser, definitivamente e sem protocolos, a representadora, prolífica e sem muitos freios.

De propósito, fiz questão de não utilizar acentos na grafia. Nem a crase no artigo que precede a "família", nem o acento agudo na segunda sílaba do referido substantivo, ficando dúbio para o leitor se o título não grafava acentos (por estar na internet) ou se a não-utilização dos mesmos é arbitrária.¹¹ A dubiedade semântica é se o sujeito (oculto) matou o cinema e foi à família, ou se quem matou o cinema foi a família. A CAIXA ALTA DENOTA O BERRO, AS LETRAS GARRAFAS, A MANCHETE, A BOCA DE FERRO. Na url que dá atalho ao canal do Youtube, sintetizei em "/matouocinema".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que uma nova fase da minha produção com esse projeto inaugura-se com este artigo. Colocar em palavras ajuda a organizar o pensamento, elucidar as intenções, afiar as intuições. Olhar para as origens da caminhada

dá mais sentido aos próximos passos. O pesquisador e o artista se retroalimentam. Acredito na criação como um pêndulo entre a invenção e a crítica.

Próximos passos anunciam-se para o MATOU O CINEMA FOI A FAMILIA, passos amadurecidos e inovadores. Mais artigos de caráter memorial reflexivo, analisando outras obras e outros aspectos do projeto, e, lógico, mais experimentações audiovisuais. Quando criei este projeto, entre outras coisas, eu tinha certeza que seria um companheiro cúmplice até o final da minha experiência neste plano existencial, e o meu legado mais íntimo.

Sem compromissos, além da experimentação poética e dos compromissos éticos e políticos, este projeto é a minha manifestação de fé no cinema além dos penduricalhos, no cinema-vida, no cinema-olho-ouvido, no cinema-aqui agora.

NOTAS

01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/matouocinema>>.

02. Termo inventado pelo coletivo, que fugia das definições e delimitações como o diabo da cruz.

03. Ainda não conhecia *O Lamento da Imperatriz* (1990), de Pina Bausch.

04. Termo emprestado de Hélio Oiticica.

05. Termo criado por mim pra tentar explicar como se teciam narrativas nos jamcines.

06. Foi escolhido o termo "atuante" ao invés de "ator/atriz" ou "performer" porque nos sentíamos mais à vontade com esse termo, ele denotava uma liberdade maior entre o registro e a ficção, o documento e a cena.

07. Todos os jamcines estão disponíveis em: <<https://www.youtube.com/@qualquerjamcine>>.

08. Ver Moura (2018). A dissertação está disponível em: <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/10399/1/Dissertacao_RevisaoCriticaCinema.pdf>.

09. Todos os rmxtxtura's estão disponíveis no link: < <https://oyah.github.io/remixtexturas/page-2-eng.html>>.

10. O filme *O meu é especial* está disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=qO0TTptV1r0&t=670s>>.

11. Aqui, 11 anos depois, estou revelando que foi arbitrário.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques & MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. São Paulo: Ed. Papyrus, 2006.

BARROS, Bruna Suelen Silva. **A poéticas das Encruzilhadas de Arthur Leandro/Táta Kinamboji**: Atos de fazer Güera. Tese (Doutorado em Artes), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

EISENSTEIN, Serguei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

EISENSTEIN, Serguei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERREIRA, Jairo. **Cinema de invenção**. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1986.

HUBERMAN, Didi. **Remontar, remontagem (do tempo)**. Caderno de Leituras Chão da Feira nº 47. Ed. Chão da Feira: Belo Horizonte, 2016.

MOURA, Mateus. **Revisão crítica-onírica do território chamado Amazônia no sonho real de meias-verdades chamado Cinema**. Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará: Belém, 2018.

OITICICA FILHO, César (Org.). **Museu é o mundo**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

ROCHA, Glauber. **A revolução do cinema novo**. Cosac & Naify: São Paulo, 2004.

VASCONCELOS, Giseli (Org.). **Dossiê - Por uma cartografia crítica da Amazônia**. Vivo Hacklab: Belém, 2012.

WEYL, FRANCISCO. **KYNEMA**: Ensaios científicos, semióticos, metafísicos, poéticos e políticos sobre arte, cinema e estéticas de guerrilhas. Ed. Vicenza: Belém, 2022.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico - A opacidade e a transparência**. 4 ed. São Paulo:

Paz e Terra. 2001.

SOBRE O AUTOR

Mateus Nogueira de Farias Moura é educador, artista e pesquisador. Formado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, pela UEPA (2010) e Mestre em Artes/PPGARTES-UFGA (2018), onde atualmente cursa o doutorado. Pesquisador bolsista (CAPES), participa em diversos grupos de estudo e atua como coordenador do CINE CURAU, trabalhando diretamente com educação em cinema através de curadoria de mostras, oficinas e cursos de cinema em parcerias com fundações de ensino formal e não-formal. No ramo da cultura atua como produtor cultural, realizador de cinema, diretor teatral, músico-compositor, performer e escritor. Desde 2007 desenvolve ações cineclubistas e críticas e desde 2009 realiza cinema independente, tendo lançado 1 longa e 2 curtas e mais de 100 vídeos experimentais, e recebido em 2015, pelo conjunto da obra, o Prêmio Seiva de Expressões Artísticas na categoria realizadores experientes.

E-mail: cinemateusmoura@gmail.com